O LUTO NA ADOLESCÊNCIA: ENTRE A EXPERIÊNCIA NATURAL DA PERDA E SEUS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS

GRIEF IN ADOLESCENCE: BETWEEN THE NATURAL EXPERIENCE OF LOSS AND ITS PSYCHOSOCIAL IMPACTS

AMANDA CAMARGO **GALLO**[1], VANESSA APARECIDA DE **ALMEIDA**[2], IGOR PULIDO DOS **SANTOS**[3*]

1. Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da Faculdade UMFG; **2.** Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da Faculdade UMFG; **3.** Docente do curso de graduação em Psicologia da Faculdade UMFG.

* Rua José Dias Monteiro, 346, jardim São Pedro, Rondon, Paraná, Brasil. CEP: 87.800-000. igor.santos@umfg.edu.br

Recebido em 13/10/2026. **Aceito** para publicação em 29/10/2026

RESUMO

O luto é uma experiência humana que surge perante perdas importantes, podendo se manifestar de maneiras diversas de acordo com as particularidades de cada pessoa. Na fase da adolescência, essa experiência ganha características próprias, uma vez que se desenrola em uma época repleta de profundas mudanças emocionais, sociais e de identidade. Este trabalho buscou entender de que maneira o processo de luto se revela na adolescência e quais efeitos ele pode ter sobre o desenvolvimento emocional e psicossocial, levando em conta as estratégias de enfrentamento e as oportunidades para intervenções psicológicas. Para isso, foi realizada uma revisão da literatura sobre trabalhos relacionados ao luto, a fase da adolescência, seus efeitos psicossociais, os elementos que oferecem proteção e a atuação da Psicologia. A análise das obras demonstra que o luto pode se manifestar de diversas maneiras emocionais, cognitivas, comportamentais e relacionais, podendo impactar a rotina, as relações familiares e sociais, bem como o ambiente escolar. No entanto, essas manifestações não devem ser encaradas automaticamente como indícios de problemas psicológicos, sendo fundamental levar em conta a singularidade de cada vivência. Nesse contexto, a Psicologia pode ajudar através da escuta atenta, do acolhimento e do fortalecimento da rede de apoio

PALAVRAS-CHAVE: Luto; Adolescência; Desenvolvimento; psicossocial; Psicologia.

ABSTRACT

Grief is a human experience that arises in response to significant losses and can manifest in different ways according to each person's individual characteristics. During adolescence, this experience takes on specific characteristics, as it unfolds during a period marked by profound emotional, social, and identity-related changes. This study aimed to understand how the grieving process manifests itself during adolescence and what effects it may have on emotional and psychosocial development, considering coping strategies and opportunities for psychological interventions. To this end, a literature review was conducted on studies related to grief, adolescence, its psychosocial effects, protective factors, and the role of Psychology. The analysis of the literature shows that grief can manifest itself in various emotional, cognitive, behavioral, and relational ways, potentially affecting daily routines, family, and social relationships, as well as the school environment. However, these manifestations should not automatically be regarded as signs of psychological problems, as it is essential to consider the uniqueness of everyone's experience. In this context, Psychology can provide support through attentive listening, emotional support, and the strengthening of support networks.

KEYWORDS: Grief; Adolescence; Psychosocial Development; Psychology.

1. INTRODUÇÃO

O luto constitui uma experiência inerente à condição humana, desencadeada diante de perdas significativas e vivenciada de diferentes maneiras conforme a trajetória individual, os vínculos estabelecidos e os recursos disponíveis para sua elaboração[1,2]. Embora seja frequentemente relacionado à morte de uma pessoa significativa, sua compreensão também pode envolver as mudanças emocionais, relacionais e sociais decorrentes da ruptura de vínculos e da necessidade de reorganização da vida diante da ausência.

Na adolescência, essa experiência adquire particularidades por ocorrer em uma etapa do desenvolvimento marcada por importantes transformações físicas, cognitivas, emocionais e sociais[3]. Nesse período, o indivíduo encontra-se em processo de construção da identidade, ampliação das relações sociais e busca progressiva por autonomia. Além disso, a própria passagem da infância para a vida adulta envolve perdas e reorganizações simbólicas relacionadas ao corpo infantil, aos papéis anteriormente ocupados e às relações estabelecidas com as figuras parentais[4].

Nesse contexto, a ocorrência de uma perda significativa pode se somar às transformações já características da adolescência, produzindo repercussões que ultrapassam a dimensão emocional e podem alcançar as relações familiares e sociais, a rotina e o ambiente escolar[5,6]. A forma como essas repercussões se manifestam, entretanto, não é uniforme, uma vez que a experiência do luto está relacionada ao

significado atribuído à perda, à natureza do vínculo estabelecido e às condições pessoais e contextuais disponíveis para seu enfrentamento[7,1].

Compreender essas particularidades torna-se relevante para que as manifestações decorrentes do luto não sejam automaticamente interpretadas como indicativas de psicopatologia, sem que, por outro lado, sejam desconsideradas situações em que o sofrimento produz prejuízos importantes ou demanda acompanhamento especializado. Da mesma forma, a presença de vínculos familiares, sociais e educacionais e o acesso a espaços de escuta e acolhimento podem constituir recursos importantes para o adolescente diante da experiência da perda[5,6].

Diante disso, a relevância deste estudo reside na necessidade de ampliar a compreensão acerca do luto na adolescência, considerando as particularidades dessa etapa do desenvolvimento, as possíveis repercussões emocionais e psicossociais da perda e os recursos que podem contribuir para seu enfrentamento. Essa compreensão também possibilita refletir sobre as formas de acolhimento e sobre as possibilidades de atuação da Psicologia diante das diferentes manifestações do sofrimento vivenciado pelo adolescente enlutado.

Dessa forma, este estudo teve como objetivo investigar como o luto se manifesta durante a adolescência e quais repercussões pode produzir no desenvolvimento emocional e psicossocial, buscando identificar estratégias de enfrentamento diante da perda e possibilidades de intervenção psicológica direcionadas ao adolescente enlutado.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura, de caráter exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, desenvolvida com o objetivo de reunir e analisar produções relacionadas ao processo de luto durante a adolescência e às suas possíveis repercussões emocionais e psicossociais.

A busca bibliográfica foi realizada durante o primeiro semestre de 2026, por meio das bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Google Acadêmico. Para a localização das produções, foram utilizados os descritores “Luto”, “Adolescência”, “Família”, “Identidade”, “Adolescentes”, “Escola”, “Transição” e “Psicologia”, combinados, quando pertinente, por meio do operador booleano “*AND*”.

Foram consideradas produções que apresentassem relação direta com a temática do luto na adolescência, contemplando aspectos referentes ao desenvolvimento adolescente, às repercussões emocionais e psicossociais da perda, às relações familiares e sociais, às estratégias de enfrentamento e às possibilidades de atuação da Psicologia. Foram excluídos materiais que, após a leitura, não apresentavam relação suficiente com o objetivo proposto ou não contribuíam diretamente para a compreensão do fenômeno investigado.

Inicialmente, foram identificados 27 materiais potencialmente relacionados à temática. Após a leitura e análise de sua pertinência em relação ao objetivo do estudo, foram selecionadas 14 produções para compor a revisão. A análise do material ocorreu de forma qualitativa, buscando identificar e organizar os principais conceitos, contribuições teóricas e achados relacionados ao luto na adolescência, suas repercussões psicossociais, fatores de proteção, estratégias de enfrentamento e possibilidades de intervenção psicológica

3. DESENVOLVIMENTO

Adolescência e lutos constitutivos do desenvolvimento

A adolescência é caracterizada como um período de transição entre a infância e a vida adulta, envolvendo mudanças físicas, cognitivas, sociais e emocionais[3]. A Organização Mundial da Saúde considera a adolescência o período compreendido entre 10 e 19 anos, enquanto, no contexto brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente define como adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos[8,9]. Para além de uma delimitação etária, trata-se de uma etapa marcada por mudanças na forma de pensar, sentir, relacionar-se e construir referências sobre si e sobre o mundo.

Pode-se destacar que as transformações psicossociais desse período participam diretamente da construção da identidade. A inserção em novos grupos e a ampliação das relações sociais tornam-se elementos relevantes na forma como o adolescente constrói sua percepção de si[10]. A adolescência é compreendida como um processo de desenvolvimento no qual o jovem começa a se desprender progressivamente do universo infantil e a se aproximar das exigências do mundo adulto[4].

Nesse processo, destaca-se três lutos fundamentais: o luto pelo corpo infantil, o luto pela identidade e pelo papel infantil e o luto pelos pais da infância. O primeiro relaciona-se às mudanças físicas e biológicas da puberdade, incluindo crescimento corporal, alterações hormonais e maturação sexual. Essas transformações modificam a autopercepção do adolescente e exigem adaptação a um corpo que deixa de corresponder às referências infantis[4].

O luto pela identidade e pelo papel infantil envolve o conflito entre dependência e independência. Com o avanço da adolescência, surgem responsabilidades que anteriormente eram assumidas pelos adultos, ao mesmo tempo em que o jovem ainda não ocupa plenamente um lugar adulto. Já o luto pelos pais da infância envolve a desidealização das figuras parentais e a necessidade de reconhecer que os pais não correspondem integralmente às imagens de proteção e segurança construídas durante a infância. Essa mudança pode ser acompanhada por sentimentos de desamparo e pela busca de novas referências externas[4].

Esses lutos simbólicos não correspondem necessariamente à morte de uma pessoa, mas a perdas e transformações inerentes ao desenvolvimento. À medida que se modificam o corpo, os papéis, as relações familiares e as referências infantis, o adolescente passa

por um processo de reorganização da identidade e das relações interpessoais.

Luto, vínculos e reorganização psicossocial

O luto pode ser compreendido como uma experiência psicológica decorrente da perda de algo ou alguém investido de valor afetivo. Embora seja frequentemente associado à morte de uma pessoa significativa, também pode abranger perdas simbólicas relacionadas a vínculos, papéis, expectativas e referências importantes. Tal processo deve ser entendido como uma reação natural a uma perda significativa e, simultaneamente, como uma transição psicossocial, pois a perda pode modificar a maneira como a pessoa se relaciona consigo, com os outros e com sua realidade cotidiana[1]. Essa experiência pode envolver a multiplicidade de respostas emocionais, cognitivas e comportamentais, que variam de acordo com as particularidades de cada indivíduo e o contexto em que a perda ocorre[12].

A morte, embora universal, é compreendida e vivenciada de maneiras distintas conforme fatores históricos, culturais e subjetivos. As representações da morte se transformam entre diferentes épocas e contextos sociais. Dessa forma, a experiência de perda é influenciada pela trajetória individual, pelas relações construídas e pelas condições socioculturais em que a pessoa está inserida[11].

O luto é caracterizado como uma resposta à perda de um objeto amado no qual havia investimento afetivo. Apesar de envolver sofrimento e afastamento temporário de interesses cotidianos, o processo não é considerado necessariamente patológico[2]. Por meio da Teoria do Apego, enfatiza-se a dimensão relacional da perda: vínculos afetivos significativos funcionam como referências de segurança e organização da experiência, de modo que sua ruptura pode produzir reações intensas de dor[7].

Essa compreensão é ampliada ao considerar que uma perda importante pode alterar papéis, rotinas, expectativas e referências que estruturavam a realidade anterior. Assim, o luto não se limita à ausência física da pessoa falecida, mas envolve a necessidade de reorganizar a vida diante de uma realidade modificada. A intensidade da experiência, portanto, relaciona-se também ao significado do vínculo e ao papel que a pessoa perdida ocupava na vida do enlutado[1].

As manifestações do luto podem aparecer nos campos emocional, cognitivo, comportamental e relacional, incluindo tristeza, saudade, raiva, culpa, ansiedade, alterações da rotina, isolamento e dificuldades nas relações. Diferentes respostas à perda podem incluir negação, raiva, barganha, depressão e aceitação; entretanto, tais categorias não devem ser tomadas como uma sequência obrigatória ou universal[13].

Repercussões emocionais, familiares, sociais e escolares do luto na adolescência

Quando a perda ocorre na adolescência, ela se insere em uma etapa que já envolve intensas mudanças corporais, emocionais, identitárias e relacionais. Nesse contexto, tanto as perdas simbólicas quanto aquelas decorrentes de falecimento podem produzir impactos relevantes na experiência adolescente[6]. O luto pode repercutir em aspectos físicos, psicológicos e adaptativos, exigindo atenção às condições em que o jovem vivencia a perda[14].

Tal experiência pode repercutir em diferentes áreas da vida de adolescentes. No contexto escolar, podem ocorrer dificuldades de atenção e concentração, queda do rendimento, notas mais baixas e prejuízos na continuidade das atividades. No âmbito familiar, a perda pode produzir reorganização de papéis, conflitos, dificuldades econômicas e redução temporária da capacidade da própria família de oferecer suporte, especialmente quando outros membros também estão enlutados[3].

Em situações específicas, os impactos podem assumir maior gravidade. Perdas relacionadas a suicídio ou homicídio podem estar associadas a manifestações de choque, revolta, culpa e sintomas compatíveis com estresse pós-traumático. Além disso, dificuldades na expressão da dor podem se relacionar a comportamentos de autolesão como tentativa de autorregulação[6]. Experiências intensas de luto a maior risco de ansiedade, depressão, alterações do sono e ideação suicida[15].

Essas repercussões, contudo, não se apresentam de maneira uniforme. O significado da perda, as circunstâncias da morte, o vínculo com a pessoa falecida, a história do adolescente e os recursos de apoio disponíveis interferem na forma como o sofrimento se manifesta.

Fatores de proteção, estratégias de enfrentamento e atuação psicológica

A literatura revisada destaca a relevância dos vínculos familiares, das amizades, da escola e de outros espaços de pertencimento como recursos de proteção. Ressalta-se a importância dos vínculos afetivos para a construção da segurança[7], enquanto a família e escola podem contribuir para reconhecer alterações emocionais, comportamentais e acadêmicas relacionadas à perda[3].

O suporte familiar pode favorecer diálogo, acolhimento e expressão emocional. A escola, por integrar a rotina diária do adolescente e constituir espaço de relações sociais, também pode identificar mudanças e oferecer condições de acolhimento, especialmente quando há alterações no desempenho e na concentração. As estratégias de enfrentamento não devem ser tratadas como procedimentos padronizados, uma vez que cada adolescente pode expressar e elaborar o sofrimento de forma singular[6].

Ressaltam que fatores de proteção não eliminam a dor, mas podem favorecer uma adaptação mais saudável à realidade produzida pela perda. O suporte psicológico torna-se especialmente relevante quando o sofrimento compromete de forma persistente a retomada das atividades ou quando são identificados fatores de maior vulnerabilidade[16].

No manuscrito, a atuação da Psicologia é apresentada como voltada à escuta qualificada, ao reconhecimento de fatores de risco, à prevenção de complicações, ao fortalecimento da rede de apoio e ao encaminhamento para acompanhamento especializado quando necessário. A intervenção deve considerar a singularidade do adolescente, o significado da perda, a dinâmica familiar e escolar e as condições disponíveis para elaboração do sofrimento.

4. DISCUSSÃO

Os achados da revisão indicam que compreender o luto na adolescência exige considerar simultaneamente dois processos: as transformações próprias do desenvolvimento adolescente e a ruptura provocada por uma perda significativa. Os lutos simbólicos mostram que essa etapa já envolve desprendimentos relacionados ao corpo infantil, à identidade, aos papéis e às figuras parentais da infância. Quando uma morte significativa ocorre nesse período, uma perda concreta passa a coexistir com essas reorganizações próprias do desenvolvimento. Dessa forma, o impacto do falecimento não pode ser analisado isoladamente, pois pode se sobrepor a um momento em que o jovem já está reconstruindo referências sobre si, sobre suas relações e sobre seu lugar no mundo[4].

Essa articulação permite compreender por que uma mesma categoria de perda pode produzir repercussões distintas entre adolescentes. Destaca-se a função dos vínculos afetivos na organização da segurança[7], enquanto a perda pode exigir uma reorganização mais ampla da realidade psicossocial[1]. Em conjunto, essas perspectivas sugerem que a intensidade do sofrimento não depende apenas do grau formal de parentesco ou do fato objetivo da morte, mas do lugar ocupado pela pessoa perdida na vida do adolescente, das funções que ela desempenhava e das mudanças secundárias produzidas por sua ausência. Uma perda pode, por exemplo, significar simultaneamente ausência afetiva, alteração da rotina, perda de segurança, mudança de papéis familiares e modificação de expectativas futuras[7,1].

Outro ponto de convergência entre os estudos é a necessidade de evitar a patologização automática do sofrimento. A dor decorrente da perda pode ser reconhecida como parte de um processo de elaboração, sem que isso implique necessariamente uma condição patológica[2,] enquanto a diversidade de respostas possíveis evidencia a singularidade dessa experiência[12]. Essa leitura é particularmente importante na adolescência, porque manifestações como irritabilidade, isolamento, queda de rendimento, alterações relacionais e oscilação emocional podem aparecer tanto no processo de luto quanto em outras experiências próprias desse período. Assim, uma manifestação isolada não permite, por si só, concluir pela existência de um transtorno[1,12].

Ao mesmo tempo, reconhecer o luto como uma experiência humana esperada não significa minimizar situações de risco. Os estudos revisados também apontam que determinadas circunstâncias podem ampliar a vulnerabilidade, especialmente quando há perdas violentas ou repentinas, fragilidade da rede de apoio, dificuldade persistente de expressão do sofrimento e prejuízos importantes no funcionamento cotidiano. Nessas condições, podem ocorrer repercussões acadêmicas, familiares e emocionais relevantes, incluindo autolesão, sintomas traumáticos e ideação suicida em situações de maior gravidade. O desafio clínico, portanto, não está em escolher entre considerar o luto "normal" ou "patológico", mas em avaliar sua trajetória, intensidade, duração, contexto e impacto funcional[5,6,15].

A literatura também evidencia que as consequências do luto ultrapassam a dimensão individual. A perda pode alterar a organização familiar, redistribuir responsabilidades, afetar condições econômicas e modificar a disponibilidade emocional dos próprios familiares. Na escola, alterações de concentração, rendimento e comportamento podem ser interpretadas de maneira descontextualizada caso a experiência de perda não seja considerada. Esses achados reforçam que o adolescente enlutado não deve ser compreendido apenas a partir de sintomas individuais, mas dentro das relações e dos ambientes em que sua vida cotidiana acontece.

Nesse sentido, família e escola aparecem na revisão de forma ambivalente: podem constituir importantes fatores de proteção, mas também podem ter sua capacidade de suporte reduzida. Uma família igualmente enlutada pode encontrar dificuldades para acolher o adolescente; da mesma forma, uma escola que desconhece ou não reconhece a experiência de perda pode interpretar mudanças no desempenho apenas como problema disciplinar ou acadêmico. Por outro lado, quando esses contextos oferecem escuta, validação e continuidade dos vínculos, podem favorecer a expressão do sofrimento e a adaptação à nova realidade.

Os achados ainda sugerem que as estratégias de enfrentamento não devem ser organizadas como um roteiro único. A própria diversidade de manifestações descrita na literatura e a influência do vínculo, do contexto e da etapa de desenvolvimento tornam inadequada a expectativa de que todos os adolescentes atravessem etapas fixas ou expressem o sofrimento da mesma maneira. Nesse sentido, os modelos que descrevem diferentes respostas à perda, como o de Kübler-Ross, exige cautela: elas podem funcionar como referência para compreender possíveis respostas à perda, mas não como sequência obrigatória para avaliar se um adolescente está ou não elaborando adequadamente seu luto[13].

A atuação psicológica, portanto, ganha relevância justamente na articulação entre acolhimento e avaliação de risco. O material revisado sustenta uma prática que reconheça a dor como parte possível do processo de luto, sem transformar automaticamente o sofrimento em diagnóstico, mas que permaneça atenta a prejuízos persistentes, comportamentos autolesivos, desesperança, ideação suicida, sintomas traumáticos e ausência de suporte. Nessa perspectiva, a escuta

psicológica deve buscar compreender o significado da perda para aquele adolescente, as mudanças que ela produziu e os recursos relacionais disponíveis para sua reorganização.

Por fim, a revisão permite compreender que o luto na adolescência se constitui na interação entre perda, vínculo, desenvolvimento e contexto psicossocial. Essa síntese aproxima as contribuições de Aberastury e Knobel, Bowlby, Parkes, Freud e dos estudos contemporâneos utilizados pelas autoras: enquanto alguns referenciais ajudam a compreender as transformações e os vínculos que estruturam a experiência adolescente, outros evidenciam as repercussões emocionais, familiares e escolares e a importância das redes de suporte. A principal implicação dessa articulação é que o cuidado ao adolescente enlutado deve ser individualizado, contextualizado e atento tanto à naturalidade do sofrimento diante da perda quanto às condições que podem transformar essa experiência em fonte de prejuízo significativo

5. CONCLUSÃO

A análise realizada permitiu compreender que o luto na adolescência não pode ser explicado apenas pela ocorrência da perda, mas pela maneira como ela atravessa um período da vida já marcado por transformações, rupturas e pela construção de novas referências sobre si e sobre o mundo. Nesse sentido, seus impactos emocionais e psicossociais não seguem um padrão único, pois estão relacionados à singularidade do adolescente, ao significado do vínculo perdido, às circunstâncias da perda e aos recursos disponíveis para enfrentá-la.

Os achados também evidenciaram que reconhecer o luto como uma experiência natural não significa desconsiderar a intensidade do sofrimento ou os possíveis impactos que ele pode provocar. Dessa forma, torna-se fundamental distinguir manifestações esperadas diante da perda de situações em que o sofrimento se intensifica, se prolonga ou compromete significativamente diferentes áreas da vida do adolescente. Nesse percurso, família, escola e demais redes de apoio ocupam uma posição importante, não por eliminarem a dor, mas por oferecerem condições para que ela possa ser expressa, acolhida e elaborada. À Psicologia cabe contribuir para esse processo por meio de uma escuta qualificada e sensível às particularidades da adolescência, evitando tanto a patologização de manifestações próprias do luto quanto a negligência diante de sinais que indiquem maior vulnerabilidade e necessidade de acompanhamento especializado.

Conclui-se, portanto, que acolher o adolescente enlutado exige mais do que identificar sintomas ou estabelecer formas esperadas de reagir à perda. Exige compreender quem foi perdido, o significado desse vínculo e o que se transforma na vida do jovem a partir dessa ausência. Assim, mais do que buscar uma maneira considerada adequada de vivenciar o luto, torna-se necessário reconhecer que cada adolescente construirá seu próprio percurso de adaptação à nova realidade. Ampliar os espaços de diálogo sobre a morte e o luto, especialmente na família, na escola e nos serviços de saúde, pode contribuir para que esse sofrimento encontre possibilidades de expressão e cuidado, sem ser silenciado, minimizado ou imediatamente transformado em doença.

6. REFERÊNCIAS

[1] Parkes CM. Luto: estudos sobre a perda na vida adulta. Tradução de Maria Helena Pereira Franco. 3ª ed. São Paulo: Summus; 1998. (Novas buscas, v. 51)

[2] Freud S. Luto e melancolia. In: Freud S. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras; 2010; 170-194. (Obras completas, v. 12).

[3] Papalia DE, Feldman RD. Desenvolvimento humano. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH; 2013.

[4] Aberastury A, Knobel M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artmed; 1981.

[5] Domingos B, Maluf MR. Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. Psicologia: Reflexão e Crítica. 2003; 16(3):577-589.

[6] Prestes GFC, Silva AMS, Nunes DVS, et al. O luto e seus desdobramentos na existencialidade adolescente: relato de experiência no Plantão Psicológico em escolas públicas. Revista AMAzônica. 2023; 16(1):198-217.

[7] Bowlby J. Apego e perda: v. 1: apego: a natureza do vínculo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 1990.

[8] Arpini DM, Quintana AM. Identidade, família e relações sociais em adolescentes de grupos populares. Estudos de Psicologia (Campinas). 2003; 20(1):27-36.

[9] Kovács MJ, organizadora. Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1992.

[10] Oliveira JBA, Lopes RGC. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. Psicologia em Estudo. 2008; 13(2):217-221. doi:10.1590/S1413-73722008000200003.

[11] Kübler-Ross E. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. São Paulo: Martins Fontes; 1997.

[12] Silveira J, et al. O luto nas diferentes etapas do desenvolvimento humano. Psicologia em Foco: Temas Contemporâneos. 2020; 1:174-188. Disponível em: https://www.editoracientifica.com.br/artigos/o-luto-nas-diferentes-etapas-do-desenvolvimento-humano

[13] Melo AP, Silveira A, Hildebrandt LM, et al. Vivências de luto e os impactos na saúde mental de adolescentes. Revista Nursing. 2026; 31(332):12738-12764. doi:10.36489/nursing.2026v31i332p12738-12764.

[14] Carvalho GHCA, Cruz RRM, Halabe DJE. O papel do psicólogo clínico no enfrentamento ao luto. Revista Ciência & Contemporaneidade. 2024; 3(1):20-27.